



4
Mensario do jornal de Comercio
fevereiro - 1939

NIVEL DA VIDA RURAL

(PARTE DOCTRINARIA)

(Do livro "Capitulos de Sociologia Rural")

EVARISTO DE MORAES FILHO

EMBORA, já em 1830, Le Play se preocupasse com as pesquisas sobre o nivel de vida, sómente agora se tem concluido alguma coisa de definitivo a respeito do assumpto. Le Play ficou como precursor, ou melhor, como iniciador. Os seus methodos já foram sobrepassados, já novas technicas foram accrescidas á sua technica de pesquisa directa e monografica. Como se sabe, o seu methodo consistia em fazer inqueritos sobre um certo numero de familias. Para isso Le Play indicou e convenceu de que a familia padrão, a característica, é a familia operaria, porque está mais a mercê das mudanças das condições sociaes, é mais economica, sua substancia depende directamente do trabalho dos seus membros, vive em muito maior contacto com a localidade e seus productos, etc. Dentre essas familias, Le Play procurava ainda as mais typicas, inquiria do seu orçamento, da sua biographia, afim de esclarecer a sua situação social. Por esses casos typicos, elle penetrava a realidade social da região. O methodo leplayano é denominado de *intensivo*, em contraposição ao *extensivo*, que recolhe indicações do maior numero possível de familias e que multiplica as "experiencias" ao infinito, com o intuito de diminuir ou annular qualquer erro de observação. Quanto ao metho-

do Le Play e especialmente a respeito da eleição das familias typicas disse Maurice Halbwachs — o mais completo pesquisador desse capitulo na Escola Sociologica Francêsa — que elle não indica, na sua doutrina, nenhum elemento que nos possa conduzir com certeza á *familia typica*. Só elle, Le Play, podia conseguir isso facilmente, pelas suas multiples observações, como o guia experimentado que conduz o viajante rapidamente ao lugar desejado (1). A mesma critica foi feita por Paul Bureau, seu discipulo e admirador (2). Hoje, como confessa este ultimo autor, o methodo de Le Play está velho e desusado. Contudo, ainda ha autores, como Carle C. Zimmerman, que lhe rendem homenagens e reconhecem os seus méritos de pesquisador e de animador da sociologia aplicada.

Nos Estados Unidos contam-se em grande numero de livros e os ensaios sobre o nivel de vida, quer rural ou urbano. Nunca paiz ne-

(1) — H. Halbwachs — *La classe ouvrière et les niveaux de vie* — Paris — 1913 — pag. 158.

(2) — Paul Bureau — *Introduction à la Méthode Sociologique* — Paris — 1926 — pag. 7: "...e a propria lembrança do embaraço no qual Le Play deixou seus melhores amigos com a sua morte,..."

nhum se esforçou tanto por estudar e resolver seus problemas do campo. A formação mental do autor destas linhas a este respeito gira em torno dos ensinamentos dos professores norte-americanos, porque são os mais exactos e os mais completos.

Todos os sociologos rurais são unanimes em declarar que o capitulo referente ao nivel de vida é o mais central e complexo de toda a sociologia rural. Eis as palavras de Augusto W. Hayes: "Poucos assumptos tratados em um texto de sociologia rural penetram mais fundamentalmente no coração dos problemas ruraes, sociaes e economicos, do que a consideração sobre os niveis de vida" (3). E isso porque tudo concorre para a sua formação. Como todo o phenomeno social, é elle o resultado de uma série de outros factores sociaes. Surge da inter-dependencia, do entrosamento, da cooperação de todas as relações sociaes. Nivel de vida significa sómente "nivel economico". Embora este ultimo seja o primacial, o básico, existem muitos outros "niveis". São esses "niveis" que, como partes, vão constituir o grande nivel de vida de qualquer grupo humano, como um todo. Por isso, alguns autores americanos preferem a expressão "standard of life" (padrão de vida) em lugar de "standard of living" (padrão de viver). Entre elles, encontra-se o professor Kirkpatrick — talvez a maior autoridade viva nessa materia e cuja dissertação do seu doutorado em Cornell, em 1921, versou sobre o assumpto. Para elle, "standard of life" vai além do simples orçamento e abrange a somma total de todos os valores sociaes, mesmo os intangíveis, que possam se originar da aquisição e do uso dos bens do tempo na satisfação dos desejos humanos. Nivel de vida abrange o lado material e o espiritual, o dinheiro e o ideal, o trabalho e o lazer, a cultura e a educação. Seu conceito é o mais amplo possível, elle trata da vida rural em todas as suas manifestações. Vai desde a receita-despesa, a renda, até as aspirações, o bem-estar, os desejos do habitante do campo (4).

Passemos á conceituação do nivel de vida. Ainda em livro recente, Carl C. Taylor assim o definiu: "Definiremos o nivel de vida como as coisas materiaes, os usos do tempo e as satisfações, que são parte dos hábitos do povo

bastantes para constituir um plano de vida" (5). Nas *coisas*, estão incluídas as necessidades, o conforto e o luxo. Necessidades significam alimento, casa, roupa, saúde, transportes, etc.. Conforto inclui tudo que, não só impede sofrimento physico e desconforto, como também os bens que proporcionam satisfação psiquica ou social. Luxos, como o seu proprio nome o indica, podem faltar sem que isso acarrete damno á manutenção da vida ou traga sofrimento phisico. Contudo, elles são necessarios como medida da realização dos desejos, do successo na vida, do êxito, etc.. Por isso autores como Rok Hínman Holmes (6) fazem distincção entre nivel desejado, imaginado, querido e o nivel de vida real, já alcançado. E quando se fala nesta ultima especie de nivel de vida, tem-se sempre em vista um dado grupo, uma certa região e nunca a sociedade em geral ou o individuo isolado. Sem o grupo correspondente, é impossivel ao individuo alcançar um nivel de vida estavel e permanente. O grupo impéle o individuo a se acomodar, a se adaptar, a seu nivel de vida geral. Se não em todos os seus detalhes, pelo menos em sua maior parte. Por outro lado, o que importa fixar no estudo sobre o nivel de vida é o seu aspecto ecológico, regional, restricto. De região em região, pelo seu acondicionamento natural e social, varia o nivel de vida. O conceito de nivel de vida é sempre limitado.

Interessante é a definição de nivel de vida dada por Gustav A. Lundquist e Thomas Carver. Assim definem (7): "O padrão de vida do individuo é de tal importancia para elle, que sacrificará seu desejo de constituir familia até que elle consiga rebaixar o seu padrão de vida, ou adiará o casamento até que sua renda o torne capaz de manter a familia de accôrdo com seu padrão de vida". Expliquemos essa definição, que é das mais praticas, embora a principio pareça confusa. Um alto padrão de vida é aquelle no qual um grande numero de coisas, algumas muito caras, são preferidas ao casamento. Um baixo padrão de vida é o contrario, isto é, nelle sómente poucas coisas e algumas muito baratas são preferidas ao casamento. Por exemplo, um homem com baixo padrão de vida se casará mais facilmente de que um outro com um alto padrão de vida. E isso porque as necessidades do primeiro são menores que a do segundo. O primeiro satisfará suas necessidades com menos dinheiro do que o segundo. Se o primeiro precisa sómente de pão, o segundo precisará de pão e de manteiga. E mais

(3) — A. W. Hayes — *Rural Sociology* — New York — 1929 — pag. 134.

(4) — Foi por essa razão que a Escola de Sciencia Social abandonou o methodo do orçamento de Le Play, por tel-o como insufficiente e unilateral. Embora o proprio Le Play houvesse notado essa lacuna, não poude preenche-la. Sómente em 1884, foi ella preenchida pela nomenclatura de H. de Tourville. O argumento mais communmente apresentado contra Le Play é o de Paul de Rousiers. Lembra elle que o "Chiffonier de Paris", que não faz nenhuma despeza com religião, é um dos maiores professantes da religião catholica e profundamente imbuido de sentimento religioso.

(5) — Carl C. Taylor — *Rural Sociology (In its Economic, Historical and Psychological Aspects)* — New York — 1933 — pag. 162.

(6) R. H. Holmes — *Rural Sociology (The family-farm institution)* — New York — 1932 — pag. 121.

(7) — G. A. Lundquist e Th. N. Carver — *Principles of Rural Sociology* — Boston — 1927 — pag. 234.

alto padrão de vida do que os dois anteriores será o de um terceiro que precise de pão, manteiga e ainda mais geléa. Nesta amostra pratica, o pão significa necessidade; a manteiga, conforto; e a geléa, luxo. Por esses exemplos, ficou patente que o nível de vida aféta profundamente a população. Onde elle é para baixo, ha tendencia para grandes familias; onde elle é alto, a tendencia é para o celibato e pequenas familias. A tal ponto essa questão impressionou aos estudiosos do assumpto, que Georg H. won Tungeln, em trabalho publicado em 1927, chegou a affirmar dogmaticamente: "Talvez já tenha chegado o tempo de ensinar ao fazendeiro, ou o fazendeiro ensinar a si proprio, a ter sómente duas crianças por familia onde actualmente ha quatro ou mais". Contudo, a influencia do tamanho da familia sobre o padrão de vida não é tão simples como parece á primeira vista. O professor Thaden, por exemplo, em um inquerito feito em Iowa, em 1926, concluiu que as crianças são, ás vezes, elementos de elevação do padrão de vida. Muitas vezes, ellas, produzem, annualmente, o bastante para seu proprio sustento, porque é sabido que no campo toda familia trabalha em pról de renda commum. Tudo isso significa que está se processando a lucta entre a familia rural tradicional, grande, patriarchal e a familia moderna, pequena. A solução desse problema depende do ponto de vista pelo qual se veja a influencia da criança sobre padrão de vida. Se a tivermos como um peso morto, na familia, é natural que a victoria pése para o lado da pequena-familia e que isso accarréte rebaixamento do nível de vida. Se, pelo contrario, a olharmos como elemento productor, grande-familia indica elevação de nível de vida. Acreditam os adeptos da pequena-familia que a limitação dos filhos por si só é capaz de trazer uma elevação de padrão de vida. Ainda segundo Thaden, essa asserção deve se limitar aos centros urbanos, onde os filhos menores difficilmente podem ajudar os seus paes na manutenção do lar. São delle as seguintes palavras, que resumem o resultado de um estudo exaustivo e minucioso: "Se a proporção dos gastos totaes invertidos em melhoria é indicativo do padrão de vida, se concluirá do quadro VI (no estudo) que o mais baixo padrão de vida é o dos lares com poucos ou nenhum filho, ou sem nenhuma criança, e que o padrão de vida cresce ligeiramente entre as familias na proporção em que o numero de crianças augmenta até áquellas com cinco filhos" (8). Nas familias dos proprietarios ruraes, os filhos são cooperadores na economia domestica, embora o numero seja superior a cinco. Hayes lembra por outro lado que as creanças são estimulos para os seus paes na lucta pela vida. Mas, elle proprio acrescenta que essa ambição de vencer na vida não aug-

menta com o numero de filhos... Em vista das opiniões tão desencontradas e todas dignas de fé, a razão parece estar com R. H. Holmes, para quem a influencia das crianças varia tanto de fazenda para fazenda que nada ainda se poderá dizer de definitivo no estado actual dos nossos estudos. Com receio de baixa de padrão de vida, os adeptos da pequena-familia não hesitam até em aconselhar as migrações em massa para a cidade. Dizem que um baixo nível de vida pôde occasionar superpopulação nos campos. E superpopulação significa desemprego e baixa de salario. Com isso tocamos outro ponto interessante da questão: a influencia do padrão de vida sobre o salario.

Como já ficou dito atraz, nível de vida não se limita sómente ao "nível economico". Nível de vida é muito mais que salario, renda, despesa-receita. Quasi sempre, de facto, com o augmento de renda, da-se tambem uma elevação no padrão de vida. Agora, pergunta Dwight Sanderson, quando é que a alta de renda produz necessariamente alta do padrão? Ou esta alta de renda é meramente uma condição? Ou é, pelo contrario, um padrão previamente desejado que forma e condiciona essa alta de renda? Em resposta a esta ultima sua pergunta, elle cita a opinião do Dr. Devine, que é decisiva: "No final de contas, os padrões não são determinados pelos salarios ou outra qualquer renda, mas, pelo contrario, os proprios padrões são o factor dynamico que influencia as rendas — eis o estranho paradoxo a que nos conduz um estudo sério do assumpto".

Na differença entre renda e padrão de vida, está inclusa a questão da medida do nível de vida. E isso porque a medida desde logo apontada é o dinheiro, que como veremos constitue uma média social muito pobre. Contudo, até agora, no actual estado da sociologia, é o unico que pode servir de medida. Quem se limita a ver todo o padrão de vida sómente através da renda, sacrifica quasi todo o elemento social que o mesmo contém. A sociologia de hoje já não se restringe tanto a estatisticas, a leis de grande numero, a méros dados contabilisticos. Por entre a malha desses dados concretos, escapam muitos factores impoderaveis, e que, nem por isso, são os menos determinantes. O economista é que dá sua tarefa por finda ao ter levantado o orçamento de qualquer região. Nisso se reduz o seu trabalho. Aliás, o proprio Le Play, que foi o iniciador do methodo do orçamento, confessou na *Introduction de Les Ouvriers européens* que teria escripto toda aquella obra em forma e linguagem da contabilidade, não fosse o receio de tornal-a incompreensivel para a maioria dos leitores. Mas logo abaixo, elle completa "que existe varias particularidades que escapam a esta analyse financeira da vida humana, ou que não se manifestam de maneira bem nitida" (9). Na "nomenclatura" ela-

(8) — J. F. Thaden — *Standard of living on Iowa Farms* — Iowa Agricultural Experiment — Bulletin n. 238 — August, 1926.

(9) — Le Play — op. cit. — pag. 22.

borada em 1884 por Henri de Tourville já essa lacuna se encontra preenchida. Mas é na nomenclatura apresentada por Paul Bureau na obra anteriormente citada que a vida social se encontra mais amplamente incluída em seus itens. Compõe-se de seis divisões, que vão desde o logar e a natureza de trabalho até a representação da vida e a religião. O salário é somente a secção VI da segunda divisão. O modo de vida limita-se á secção VIII da terceira divisão. Como vemos, sem que seja necessario descer-se a detalhes, ha muitos dados sociaes que escapam ao controle da contabilidade. Carle C. Zimmerman, professor de sociologia na Universidade de Minnesota, que é uma das maiores autoridades sobre o assumpto, apesar de reconhecer que a despesa-receita só não basta, ainda prefere os methodos leplayanos. Em quasi todos os seus levantamentos economicos, elle se limita á renda, ao salario, etc.. Haja vista os titulos dos seus trabalhos: "*Family living on sucessful Minnesota farms*", "*Incomes and Expenditures of Minnesota farm and city families*", "*Incomes and Expenditures of village and town families in Minnesota*". E' deste ultimo que vamos extrahir um trecho significativo, que mostra bem a sua inspiração em Le Play: "O methodo de inquerito foi o usado. As communiidades foram visitadas durante o verão de 1927 e foi pedido ás familias representativas que cooperassem dando informações sobre as questões arguidas". E pouco adiante: "Uma "pessoa" foi definida como um individuo de qualquer idade morando e comendo em casa por doze mezes" (10).

Embora differentes, a renda e o nivel de vida são dependentes entre si. Não se confundem, mas se completam. Com dinheiro pode-se preencher muita coisa que falta ao nivel de vida. Mas, de outro lado, é preciso não esquecer que o fundo geral no qual se movem a renda e o salario é o padrão de vida. Sem os estímulos sociaes do nivel de vida, o dinheiro não tem valor, por assim dizer. E' o nivel de vida que torna possível a elevação da renda e que a valoriza. Dinheiro só, sem o estímulo social, é o mesmo que um Robinson Crusoe, millionario, em uma ilha deserta. Não ha duvida que se medir as qualidades concretas, que por sua vez realizam e desenvolvem as intangiveis. Mas — repita-se — o dinheiro por si só não basta, por ser um meio excessivamente simples. Elle serve como medida universal — dahi o seu prestigio — e pode-se tel-o em tal conta até se conseguir melhor medida. A questão seria verdadeiramente pacifica se houvesse relações constantes, de causa e effeito, entre a renda e o nivel de vida. Em tudo isso, só uma affirmativa parece verdadeira: a de que o padrão de vida condiciona e torna possível a elevação da renda. Com

a elevação desta ultima, o nivel de vida torna-se também mais alto. Logo, nenhum elemento do nivel de vida basta por si só para medil-o. Só elle proprio, ao todo, pode servir de medida. Mas, como reciproca, é o dinheiro que realiza a maior approximação capaz de avaliar todos os itens do nivel. Ainda assim, dentro do ponto de vista do dinheiro como medida, ha a questão da qualidade e do uso dos bens adquiridos, O valor e a satisfação de certos bens e serviços variam de região a região, de individuo a individuo. Uns gastam em proporção ao que ganham, outros economisam mais. Como se vê, o assumpto é bem complexo e transcende de muito os simples dados estatisticos e economicos. Sob este ponto de vista e *grosso modo* é que se pode limitar a medida do nivel de vida ao orçamento. E' tão complexa a questão da medida no nivel de vida em geral, que C. C. Taylor acha que cada situação economica ou social tem o seu padrão particular de eficiencia e só através de todos os nossos conhecimentos, de sciencias naturaes e physicas, de sciencias sociaes e das artes, é possível eleger-se criterios capazes de medir os processos e o padrão de vida. Para encerrar esta discussão, nada mais indicado do que a definição de padrão de vida dada por D. Sanderson, o grande mestre norteamericano: "Padrão de vida como é usado aqui refere-se ao objectivo, ao desejo, ao ideal, da familia com respeito ao seu modo de vida. Elle envolve o aspecto cultural, os desejos e os reclamos elevando-se através da educação e das experiencias dentro dos grupos locais e outros" (11). Como os meios mais aproximados para a medida do nivel de vida, todos os autores costumam enumerar os seguintes criterios: alimento, roupa, casa, educação, saude, recreação, religião, contactos sociaes e progresso. Estudal-os-emos, applicados ao Brasil, na segunda parte deste artigo.

Da variação desses elementos entre si, é que surgiram as quatro famosas leis de Ernest Engel em 1857, republicadas quarenta annos mais tarde em um estudo sobre o custo de vida das familias dos trabalhadores belgas. Eil-as:

1) Quando a renda de uma familia cresce, diminue a percentagem gasta em alimento, mas, ao mesmo tempo, a despesa para alimentos augmenta em valor absoluto.

2) Quando a renda de uma familia cresce, a percentagem da despesa em roupa permanece aproximadamente a mesma.

3) Em todas as rendas investigadas, a percentagem dos gastos em aluguel, combustivel e luz permanece invariavelmente a mesma.

4) Quando a renda cresce em importancia, dá-se constantemente um augmento na percentagem gasta com educação, saude, recreação, divertimento, etc...

(10) — C. C. Zimmerman — *Incomes and Expenditures of village and town families in Minnesota* — Minnesota Bulletin 253 — March, 1929 — pags. 3 e 5.

(11) — Dwight Sanderson — *Farm Income and Farm Life* — University of Chicago Press — Chicago — 1927 — pag. 127.

Embora essas leis sejam feitas em termos de "aumento", o contrario tambem é verdadeiro, isto é, em termos de diminuição de renda. F. H. Streightoff, em um detalhado inquerito feito sobre o padrão de vida entre as populações indistriaes dos Estados Unidos (1911), modificou as leis de Engel em dois pontos:

a) Os gastos com combustivel e luz não permanecem constantes com o accrescimento de rendas, e sim diminue em relação á alta de renda;

b) Os gastos para fins culturaes crescem em proporção absoluta e relativa, com a elevação da renda.

Na parte relativa ao Brasil, veremos, a veracidade dessas leis. Mas, desde já, podemos adiantar que quasi todos os autores que trataram do assumpto aceitaram as emendas de Streightoff sobre a 2ª e 3ª leis de Engel, mas todos elles são unanimes em proclamar a exactidão da 1ª e da 4ª leis.

Além das relações entre tamanho de familia e do padrão de vida, ha ainda outras entre este mesmo padrão e o tamanho da exploração agricola. No inquerito do professor Thaden, ficou provado que, entre os proprietarios, os gastos totaes para melhora augmentam igualmente com o tamanho da fazenda. Isso se não houver nenhum outro fator de variação no momento e se a capacidade do fazendeiro fôr a melhor possivel no cultivo de suas terras e na sua economia.

Outro ponto que importa frisar é o da relação entre diferenças sociaes e nivel de vida. E' natural que o padrão de vida varie com a estratificação social. Um proprietario, um arrendatario e um salariado ruraes não podem ter o mesmo padrão de vida. O do dois ultimos, por força, deve ser mais baixo que o do primeiro. Na these de doutorado, em 1926, W. A. Sanderson mostrou que em Wake County, North Carolina, o proprietario rural gasta acima de duas vezes mais do que o arrendatario, na mesma area e com o mesmo numero de pessoas na familia. Ainda agora (1937), no relatorio do Comité instituido pelo Presidente Roosevelt para o estudo das necessidades ruraes americanas, ficou patente que a situação dos arrendatarios é peor do que a dos operarios das cidades: "A extrema pobreza de 1/5 a 1/4 da população agricola reflecte-se em um padrão de vida abaixo de qualquer nivel de decencia". E "muitas destas familias são chronicamente sub-nutridas. São facilmente sujeitas a molestias (12). Como veremos adiante, o mesmo se dá no Brasil.

Para terminar este rapido esboço sobre o padrão de vida, resta-nos comparar o padrão rural com o urbano, o que justificará o título do capitulo. De um modo geral, o nivel de vida rural é mais baixo do que o da cidade. Tanto assim que a classe dos arrendatarios, entre nós, dos mei-

eiros, que representa a classe média rural, tem um nivel de vida inferior ao dos salarizados urbanos. O que não dizer-se, então, dos salarizados ruraes? Tudo isso ficará provado na applicação destes estudos ao Brasil. E' sabido que o campo não goza das mesmas commodidades da cidade, não possui a mesma variedade de alimentos, de roupa, de casas. Suas construcções são desprovidas de confortos modernos, de agua corrente, de gaz, etc.. Não possuem as mesmas facilidades de soccorro medico, nem as mesmas diversões que a cidade. Seus contactos sociaes são reduzissimos. Quasi não recebem estimulo social algum. De modo que o habitante do campo não pode obter muitas coisas, que são facilmente accessiveis ao homem urbano. Por isso, a gente rural procura, senão imitar, pelo menos invejar ou desdenhar, a gente da cidade. A explicação do menor padrão de vida rural decorre logicamente do menor valor economico da agricultura quando comparada com a industria, quasi sempre localizadas nos centros urbanos.

Para abreviar, vamos transcrever as diferenças de padrão de vida no campo e na cidade, dadas, ao longo do capitulo do seu livro referente á nossa materia, por Pitirim Sorokin e Carle C. Zimmerman (13):

"a) Os grupos ruraes têm um padrão mais baixo do que a media das classes urbanas;

b) os padrões de vida rural estão mais proximos dos das classes mais baixas da cidade do que das altas, especialmente os profissionaes e os mais elevados grupos de proprietario;

c) a vida rural decorre mais da natureza do que dos locais de mercado;

d) a vida e os negocios da fazenda são unidades indifferenciadas, de tal modo que elles só podem ser separados de maneira arbitraria e irreal;

e) os fazendeiros têm um sentido mais forte do futuro do que a media da população urbana. A maior parte das suas rendas é economizada e empregada no futuro;

f) o ambiente rural que determina a distribuição do orçamento e os padrões de vida é consideravelmente diferente do ambiente urbano".

As diferenças poderiam se prolongar ao infinito. Tudo isso será ressaltado quando tratarmos do Brasil, uma vez que teremos dados concretos e criterios seguros de comparação. E não se pense que o padrão da vida rural não affecta o da cidade. São de tal maneira inter-relacionados, que os efeitos de um se fazem sentir no outro. Foi essa, aliás, a conclusão dos encarregados do inquerito presidencial (14): "O bem-estar do campo e da cidade são fortemente inter-dependentes. Baixos padrões de vida no campo limitam a producção na cidade".

(19 — Fevereiro — 1939)

(12) — *Farm Tenancy* — Report of the President's Committee — February, 1937 — pag. 7.

(13) — P. Sorokin e C. C. Zimmerman — *Principles of Rural-Urban Sociology* — New York — 1929 — pags. 74|76.

(14) — *Farm Tenancy* — pag. 7.